

## POSIÇÕES DE DESCANSO

Carolina Minozzi

Residência artística PAR - Programa Artistas en Residencia

Montevideo/UY

2019

Esta residência propõe a continuidade das investigações e práticas físicas que compõem o processo de criação do solo “à escuta”<sup>1</sup>, de Carolina Minozzi, que à medida em que se expande para novos questionamentos e experimentações tem se tornado o campo de pesquisa POSIÇÕES DE DESCANSO.

POSIÇÕES DE DESCANSO é como estou nomeando um conjunto de práticas interessadas em radicalizar a relação da percepção com a produção de performatividade e em discutir a relevância política de hoje nos voltarmos para aspectos elementares do corpo em movimento. Essas práticas têm a ver com confiar no que o corpo já sabe, no seu aspecto instintivo de manutenção da própria vida, e investigar a relação disso com o mover. A fim de desmanchar pressupostos do que seria dançar, experimentar a nudez do movimento enquanto acontecimento e despojar-se de certas “roupas sociais” que atravessam o fazer artístico.

É um trabalho nu, cru. Que diante do desmonte das políticas públicas para a cultura em São Paulo/Brasil, se lançou a seguinte pergunta: o que é necessário para criar? E desde então tem apostado na simplicidade de se debruçar sobre o que é elementar ao movimento em relação com a força do que pode o corpo.

Enquanto princípio, tem a ver com não antecipar o gesto e ter rigor e refinamento no reconhecimento do desejo do corpo e da vontade de mover, para que cada gesto possa gerar e gerar outro gesto, produzindo uma engrenagem que gera experiência e performatividade. Aqui, o intervalo entre uma ação e outra tem muita importância, contrariando lógicas capitalistas e criando um *embate nas operações de poder constitutivas do próprio corpo*<sup>2</sup>. É uma busca por um corpo autônomo, por uma dança singular que é ao mesmo tempo uma força coletiva de outros tempos. É descanso dentro do agir, sempre perto do vazio e do não saber o próximo ato, com atenção para poder escutar e deixar emergir dos cantos do corpo - daqueles que recebem pouca luz do sol - o movimento.

---

<sup>1</sup>Este trabalho está em residência no Centro de Referência da Dança de SP desde o início de 2018. Segue link para vídeo da abertura do processo realizada no Teatro Oficina: <https://youtu.be/CRBPxAdsvPg>.

<sup>2</sup> Nota sobre o processo de criação feito pela dramaturga Ana Maria Krein, que compõe a equipe de criação do solo “à escuta”

Como falar de movimento e abarcar todas as suas dimensões psicofísicas? Como dizer que conforme eu mudo a forma do meu corpo, nos detalhes de suas pequenas escuridões, geram-se imagens e memórias coletivas? Como falar que desse modo tenho experimentado o movimento como manifestação? Como considerar que isso acontece no corpo de uma mulher?

O filósofo Alva Noe fala da percepção como ação, nos lembra que perceber é experiência e que experiência é algo que produzimos. Ele sugere o sentido do tato, e não o da visão, como modelo para a percepção, o que tem se mostrado um caminho interessante para se pensar a produção do movimento performativo. A pesquisa POSIÇÃO DE DESCANSO esbarra nesses aspectos elementares do mover e quer esgarçar sensivelmente tudo isso em relação com o compilado de práticas que a constitui.

Há três anos estudo *seitai-ho* com o mestre Toshi Tanaka, prática japonesa que tem como objetivo sensibilizar os corpos e orientá-los para que entrem em contato com sua força instintiva e capacidade de harmonização. Dentro dessa experiência com o *seitai-ho*, duas práticas em específico influenciam mais diretamente esse campo de pesquisa artística, que são o *yuki-ho* e o *katsugen undo*:

“*Katsugen undo* é a capacidade que o corpo tem de se auto-equilibrar através dos movimentos involuntários. *Katsu* significa atividade, *gen* – origem e *undo* – movimento. Com essa prática é possível perceber a origem do movimento e deixar que ele aconteça sem controle”.

“*Yuki-ho* é a técnica de tocar com as mãos e sentir a capacidade instintiva de relação entre os corpos; *yu* é alegria, prazer e *ki* – força fundamental de vida. Tanto o *katsugen undo* como o *yuki-ho* são capacidades inerentes ao ser humano. Através dessas práticas é possível sentir um acontecimento nos corpos que naturalmente os organizam”.<sup>3</sup>

Nesta pesquisa de movimento tenho me interessado em como transportar a lógica da percepção do toque para a lógica de estar me movendo. Através do toque conseguimos levar a atenção para pequenos acontecimentos e movimentos internos que criam percursos pelo corpo e que, de acordo com experiências vivenciadas, vão atendendo às demandas de autocura e auto regulação. Dessa maneira, tenho explorado o movimento também como toque, como uma ação que atende às necessidades mais sutis do corpo, tendo como parâmetro a sensação. Cada experiência de percepção do próprio corpo, seja um cansaço de uma região, tensão, mudança de temperatura, pulsação é compreendido como um sinal de desejo de movimento. Esse desejo inicia em uma parte e conforme ganha movimento, engaja outras partes criando caminhos, linhas de força, circuitos elétricos e sensoriais, com dimensões ficcionais que permitem expandir

---

<sup>3</sup>Fonte: <https://www.jardimdosventos.com.br/seitai-ho-leia>

a imaginação para além da pele, numa relação de cumplicidade com a pessoa que vê. E quando uma imagem emerge, sem ser buscada, experimento o tempo dela se decantar e poder descansar no corpo, no espaço e tempo do acontecimento. É um sentimento de transitoriedade e de um corpo que dá passagem, mas que sempre tem a possibilidade de retornar para si, para a escuta, e dessa maneira tenho investigado nuances involuntárias no mover, como vibrações e gestos que necessitam de expansão e expressão. A esses aspectos tenho atribuído a noção de nudez, que não depende do estar ou não de roupas, mas de uma atitude *exposta, austera, cortante, dolorosamente honesta, coração, desfolhada*, assim como a noção de nudez gerada pelas palavras de Emily Dickinson<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Fonte: <http://edl.byu.edu/index.php>